

**SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, CULTURA E
DESPORTO DE PINHEIRO MACHADO**

**EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-
RACIAIS: a/o negra/o na Escola**

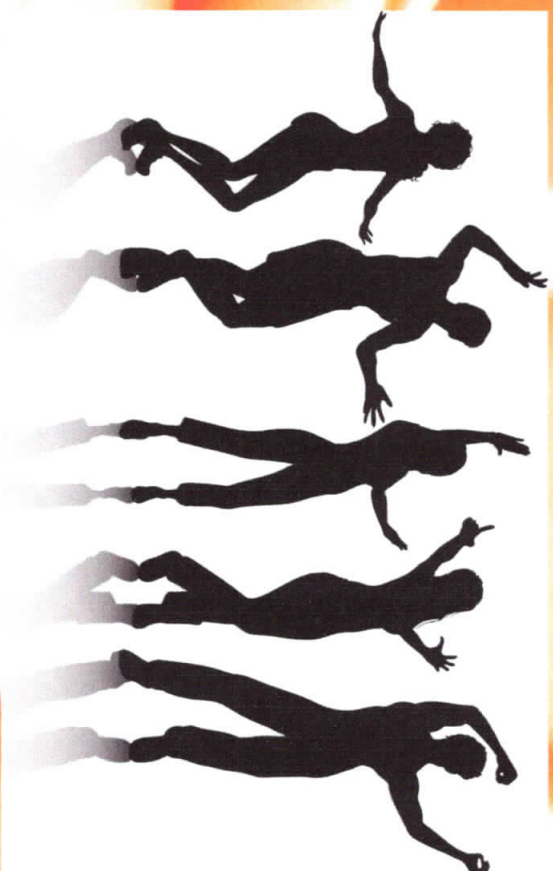
Cátia Simone Ribeiro Barcellos
csrb@terra.com.br

MINHA TRAJETÓRIA ATÉ AQUI:

- Escolaridade básica em escola pública;
- Formação acadêmica na ESEF/UFPEL;
- Mestre em educação pela FAE/UFPEL;
- Professora substituta da FAE/UFPEL;
- Professora pesquisadora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – CEAD/UFPEL;
- PIBID/UFPEL;
- CICE
- Doutora em Educação na FAE/UFPEL
- Professora da rede municipal de ensino de Pelotas
 - Mãe do Maurício
- Participante do Grupo de Apoio a Adoção de Pelotas (GAAP)
- Membro do grupo de pesquisa “Observatório de Ações Afirmativas” e do grupo de pesquisa “Movimentos Sociais e Educação” da professora Georgina Helena Nunes na UFPEL

BOM DIA!

**VAMOS NOS SOLTAR E
AQUECER UM POUCCO?**



O SER PROFESSORA/OR

❖ LEGITIMIDADE E RESPONSABILIDADE PARA FALAR;

❖ ALGUMAS QUESTÕES QUE CONSIDERO IMPORTANTES QUE NOS ACOMPANHEM:

Quais elementos propiciam ou favorecem as mudanças nas nossas práticas pedagógicas? Como promover ou acelerar as transformações do trabalho docente de modo a alcançar o sucesso escolar das/os alunas/os? Como levar nossas/os alunas/os a terem mais sucessos do que fracassos? Como propiciar as/os professoras/es uma formação inicial e continuada que resulte em real mudança da prática hoje predominante na escola? Como fazemos para melhorar nossa sala de aula de modo que a escola se torne menos “chata” e que as/os alunas/os queiram estar nesse lugar? Que tipo de alunas/os queremos formar e para qual tipo de sociedade?

O SER PROFESSORA/OR

- ❖ **A IMPORTÂNCIA DE CONHECER AS/OS ALUNAS/OS E O ENTORNO DA ESCOLA;**
- ❖ **CONDIÇÕES SUBJETIVAS E OBJETIVAS DO TRABALHO DOCENTE;**
- ❖ **PROFESSORAS/ES COMO MEDIADORAS/ES ENTRE A VIDA SOCIAL DA/O ALUNA/O E O CONHECIMENTO SISTEMATIZADO:**

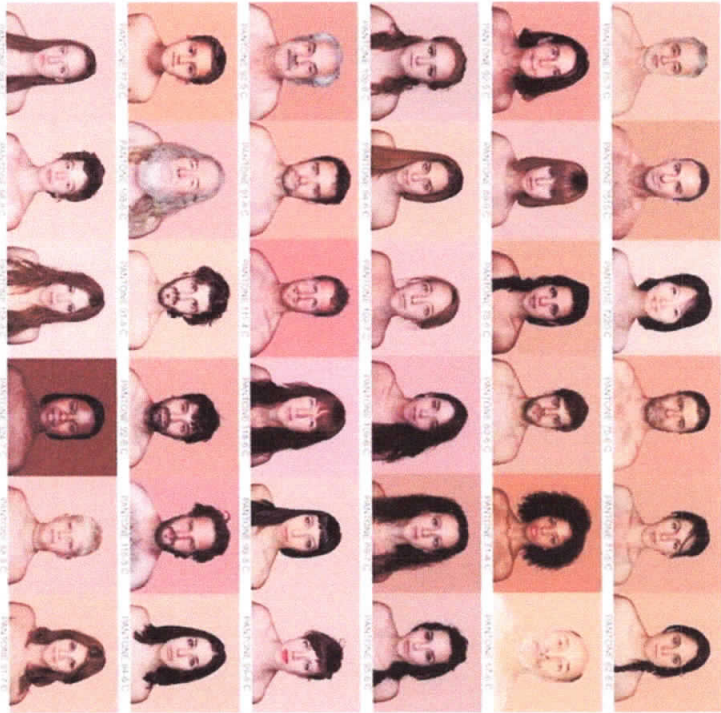


EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS:

a/o negra/o na Escola

**DE QUEM ESTAMOS
FALANDO? QUEM SÃO
AS PESSOAS NEGRAS?**





A/O NEGRA/O NA SOCIEDADE BRASILEIRA

- ❖ **DIVISÃO SOCIAL, RACIAL, DO TRABALHO – LUGARES OCUPADOS PELAS NEGRAS (PANDEMIA);**
- ❖ **PAPEL DA FAMÍLIA E DA ESCOLA: INFLUÊNCIA QUE EXERCEM EM RELAÇÃO À CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES É DECISIVA DESDE A INFÂNCIA (interseccionalidades);**
- ❖ **INVISIBILIDADE E SILENCIAMENTO DAS QUESTÕES RACIAIS DENTRO DAS ESCOLAS (políticas públicas: exemplo lei 10639/03).**

❖ HEGEMONIA DO HOMEM BRANCO, EUROPEU, MASCULINO, HETEROSSEXUAL, ADULTO;

❖ A MARCA DA DIFERENÇA



➤ O CORPO NEGRO NA SOCIEDADE BRASILEIRA (o fenótipo e a “boa aparência”);

➤ RACISMO

O racismo está colocado nas famílias, nas escolas, nos trabalhos e em outras instituições, tanto públicas quanto privadas, que são frequentadas ao longo da vida. Desde crianças, a sociedade nos ensina a ver o outro, no caso, o negro, como inferior, como feio, devido a sua aparência/fenótipo. Aprendemos, neste país com estrutura racista, que a cor da pele de uma pessoa influencia muito mais o seu destino social do que o seu caráter. O histórico da escravidão está fortemente marcado na nossa sociedade e, infelizmente, afeta negativamente a vida, a trajetória e a inserção social dos descendentes de africanos em nosso país (CAVALHEIRO, 2014; GOMES, 2005).

VÍDEO ENCENAÇÃO...

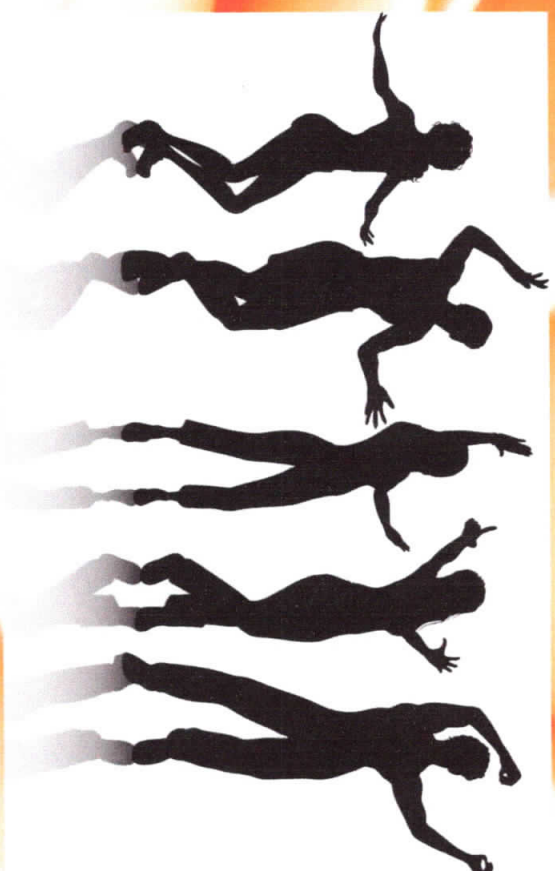
➤ **PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO RACIAL**

É comum ouvirmos pessoas afirmarem que “não são preconceituosas”, que “no Brasil não existe preconceito racial, pois somos fruto de uma grande mistura racial e étnica” (GOMES, 2005 p. 54), porém, embora, na grande maioria das vezes, não assumam, ninguém é desprovido de preconceito. No dia a dia, quando percebemos como as pessoas enxergam a população negra, quando veem um casal de um homem negro com uma mulher branca, quando encontram uma negra ou um negro dirigindo um carro de luxo, quando ouvimos, falamos e rimos de piadas racistas, preconceituosas, tudo isso mostra a maneira como nossa sociedade carrega e fortalece a ideia de inferioridade racial, contra a qual os negros lutam diuturnamente. “Essa contradição na forma como a brasileira e o brasileiro expressam o seu sentimento e o julgamento das pessoas negras confirma a lamentável existência do preconceito racial entre nós” (GOMES, 2005, p. 54).

VÍDEO “O TREINO MUDA OPINIÕES” ...

BOA TARDE!

AGORA VAMOS ACCORDAR?



E A ESCOLA? E AS/OS PROFESSORAS/ES?

- ❖ **O PODER DA ESCOLA** (escola como lugar privilegiado para discussões sobre questões raciais, de gênero, classe, geracionais, dentre outras);
- ❖ **O CURRÍCULO – PRÁTICAS DIFERENCIADAS** (contar a história diferente do que nos contaram, pautada apenas no sofrimento e na escravidão);
- ❖ **OS CONTEÚDOS;**

E A ESCOLA? E AS/OS PROFESSORAS/ES?

- ❖ QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL -
- CONHECIMENTO – RESOLUÇÃO DE CONFLITOS;
- ❖ SILENCIAMENTOS, OMISSÕES, SOFRIMENTO –
DESCONHECIMENTO E INSEGURANÇA;
- ❖ **ESPONTANEÍSMO** NO TRABALHO DESENVOLVIDO
 - TEMÁTICA ABORDADA QUANDO SURGE ALGUM
ACONTECIMENTO OU EM DATAS ESPECÍFICAS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS - CONSCIÊNCIA NEGRA (para negras/os e brancas/os);
- FORTALECIMENTO/ACOMPANHAMENTO DAS POLÍTICAS CURRICULARES - COMPRA DE MATERIAIS E OPORTUNIZAÇÃO DE ESPAÇOS E TEMPOS DE FORMAÇÕES SISTEMÁTICAS;
- RECONHECIMENTO DO RACISMO
 - DESDE A EDUCAÇÃO INFANTIL - PRÁTICAS DE DESNATURALIZAÇÃO DAS DESIGUALDADES E DE COMBATE ÀS ATITUDES PRECONCEITUOSAS E DISCRIMINATÓRIAS;

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- CONSTRUÇÃO DO AUTOCONCEITO POSITIVO E DA AUTO-ESTIMA ELEVADA NA CRIANÇA E NA/O ADOLESCENTE NEGRA/O;
- CONSOLIDAÇÃO DAS POLÍTICAS.



PARA PENSARMOS

CRÔNICA “A GENTE SE ACOSTUMA”

Marina Colasanti - Clarisse Lispector



MUITO OBRIGADA!

A GENTE SE ACOSTUMA – Marina Colasanti (1996)

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia. A gente se acostuma a morar em apartamento de fundos e não ver vista que não sejam as janelas ao redor. E porque não tem vista logo se acostuma a não olhar para fora. E porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, se esquece do sol, se esquece do ar, esquece da amplitude.

A gente se acostuma a acordar sobressaltado porque está na hora. A tomar café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder tempo. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

A gente se acostuma a abrir o jornal e a ler sobre a guerra. E aceitando a guerra, aceita os mortos e que haja números para os mortos. E aceitando os números, aceita não acreditar nas negociações de paz. E não aceitando as negociações de paz, aceita ler todo dia de guerra, dos números, da longa duração.

A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: "hoje não posso ir". A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando precisa tanto ser visto.

A gente se acostuma a pagar por tudo o que se deseja e necessita. E a lutar para ganhar mais do que as coisas valem. E a saber que cada vez pagará mais. E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas em que se cobra.

A gente se acostuma a andar nas ruas e ver cartazes. A abrir as revistas e ler artigos. A ligar a televisão e assistir comerciais. A ir ao cinema e engolir publicidade. A ser instigado, conduzido, desorientado, lançado na infindável catata dos produtos.

A gente se acostuma à poluição, às salas fechadas de ar condicionado e ao cheiro de cigarros. A luz artificial de ligeiro tremor. Ao choque que os olhos levam à luz natural. Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À morte lenta dos rios. Se acostuma a não ouvir passarinhos, a não ter galo de madrugada, a não colher fruta no

pé, a não ter sequer uma planta por perto.

A gente se acostuma a coisas demais para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta lá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente só molha os pés e sua o resto do corpo. Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito que fazer, a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem muito sono atrasado.

A gente se acostuma a não falar na asperidade para preservar a pele. Se acostuma para evitar sangramentos, para esquivar-se da faca e da baioneta, para poupar o peito.

A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, de tanto acostumar, se perde de si mesma.

FONTE: <http://pensandomaisideias.blogspot.com.br/2009/11/gente-se-acostuma-clarice-lispector.html>